

## dA intersecção entre o sagrado e a ficção especulativa: uma análise de *Os nossos feitiços*, de Virgília Ferrão

### Gabriel Alves da Silva

Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). É membro do Grupo de pesquisa Literatura e Identidade na América Latina. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0986-708X>. E-mail: [gabriel12@mx2.unisc.br](mailto:gabriel12@mx2.unisc.br).

### Rafael Aranha de Sousa

Mestre em Letras e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). É membro do Grupo de pesquisa Literatura e Identidade na América Latina. <https://orcid.org/0009-0001-8930-6545>. [rafael10@mx2.unisc.br](mailto:rafael10@mx2.unisc.br).

### Mariana Pereira Gomes da Silva

Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, do Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). <https://orcid.org/0000-0002-0830-7934>. [marianapegosi@gmail.com](mailto:marianapegosi@gmail.com).

Submetido em: 02/12/2025

Aceito em: 13/02/2026

Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20336



ISSN: 2317-9945 (On-line)  
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

### *The Intersection between the Sacred and Speculative Fiction: an analysis of Os nossos feitiços, by Virgília Ferrão.*

### Gabriel Alves da Silva

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

### Rafael Aranha de Sousa

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

### Mariana Pereira Gomes da Silva

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

**RESUMO:** Apresenta-se, nesta resenha, uma (re)imaginação poética e estética da pós-colonialidade em um mundo moçambicano representado e idealizado por Virgília Ferrão, que apresenta a personagem Laila Lubrino Sitole e sua busca por si mesma em realidades físicas e espirituais, assim como o relacionamento com Marcelo, numa narrativa para além das divergências terminológicas entre a ficção científica e a fantasia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-colonialidade; fantasia; ficção especulativa; literatura afro-moçambicana; dualidade

**Abstract:** *This review presents a poetic and aesthetic (re)imagination of post-coloniality within a Mozambican world represented and idealized by Virgília Ferrão. It introduces the character Laila Lubrino Sitole and her quest for self-discovery across physical and spiritual realities, as well as her relationship with Marcelo, in a narrative that transcends the terminological boundaries between science fiction and fantasy.*

**Keywords:** *Post-coloniality; speculative fiction; fantasy; Afro-Mozambican literature; duality*

A ficção especulativa, com sua capacidade de transitar entre o “e se” e a realidade como ela é, por vezes, reflete cosmovisões descentralizadas das culturas do Ocidente, considerando um mundo de pluralidades pós-coloniais em que todas as tradições têm seus valores cognitivos (Oziewicz, 2017). Atentando-se a esse pensamento a partir das diversidades de narrativas do mundo, destaca-se a escrita especulativa moçambicana em *Os nossos feitiços*, de Virgília Ferrão.

O interesse por este texto provém da necessidade peculiar de (re)imaginar poéticas e estéticas da pós-colonialidade em um mundo moçambicano representado e idealizado por Virgília Ferrão. Trata-se de uma obra em que a personagem Laila Lubrino Sitole busca a si mesma em realidades físicas e espirituais e, conseqüentemente, peleja por sua relação com Marcelo entre diversas situações familiares, o que projeta a narrativa para além das divergências terminológicas entre a ficção científica e a fantasia.

Neste trabalho, o sagrado é compreendido não como uma instância transcendental abstrata ou exclusivamente religiosa, mas como uma dimensão relacional e prática da experiência cotidiana, vinculada às religiões tradicionais africanas e às cosmologias animistas. Trata-se de um sagrado que atravessa o corpo, a memória ancestral e as relações sociais, integrando-se à vida material das personagens e dissolvendo a dicotomia ocidental entre o espiritual e o mundano.

Essa concepção encontra respaldo em formulações africanas clássicas sobre a espiritualidade, como afirma Hampâté Bâ (2010, p. 169), para quem “é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação”. Tal perspectiva permite compreender o sagrado em *Os nossos feitiços* não como alegoria, mas, sim, como princípio organizador da experiência cotidiana das personagens.

Marek Oziewicz (2017), em seu artigo “Ficção Especulativa”<sup>1</sup>, retoma essa discussão acerca das constituições do termo “especulativo” em contrapartida e/ou

---

<sup>1</sup> Título original: Speculative Fiction, publicado em 29 de março de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.78>. Acesso em: 21 fev. 2026.

como resultado dos diálogos terminológicos entre ficção científica e fantasia. Para o autor, se os dois termos têm sido considerados historicamente opostos, a ficção especulativa é ainda mais diferenciada em sua modernidade de uso.

Em outros termos: “Um fenômeno verdadeiramente global, que surge no mundo multicultural moderno, a ficção especulativa rejeita a mentalidade da ‘ciência para o Oeste, mito para o resto’” (Oziewicz, 2017, p. 17, tradução nossa; grifo do autor), que, por extensão, “enforma os gêneros tradicionais ocidentais não miméticos, especialmente fantasia e ficção científica, com suas visões frequentemente colonialistas e imperialistas de conquistas/buscas espirituais e tecnológicas” (p. 17)<sup>2</sup>.

No debate contemporâneo sobre ficções especulativas africanas, Nnedi Okorafor (2019) propõe o conceito de *africanfuturism*, definido como narrativa que

está preocupada com visões do futuro, interessa-se por tecnologia, deixando a Terra inclinada ao otimismo, é centrada e predominantemente escrita por pessoas de ascendência africana (pessoas negras) e está enraizada, antes de tudo, na África (Okorafor, 2019, tradução nossa)<sup>3</sup>

Embora *Os nossos feitiços* não se enquadrem estritamente nesse conceito, a obra dialoga com essa perspectiva ao construir seu universo ficcional a partir de cosmologias africanas e de uma espiritualidade imanente.

A narrativa acompanha Laila Lubrino Sitole, jovem moçambicana que vive o conflito entre um projeto de vida associado à racionalidade biomédica – o desejo de cursar medicina – e o chamado espiritual ligado às práticas ancestrais dos feitiços. Sua trajetória entrelaça-se à de Marcelo, filho de um diplomata cabo-verdiano e de uma mulher europeia, relação que evidencia tensões culturais, religiosas e identitárias.

Essa narrativa é vivida e contada por Laila Lubrino Sitole, uma mulher moçambicana que morava com sua mãe, seu pai e seus dois irmãos (Danilo, o comandante, e Tiziane, aspirante ao mundo do Design de Moda). Sua história se

---

<sup>2</sup> Trecho original: “A truly global phenomenon that arose in the modern multicultural world, speculative fiction rejects the “science for the Oeste, myth for the rest” mindset informing traditional Western non-mimetic genres—especially fantasy and science fiction, with their often colonialist and imperialist visions of spiritual or technological (con)quests”.

<sup>3</sup> Trecho original: “is concerned with visions of the future, is interested in technology, leaves the Earth, skews optimistic, is centered on and predominantly written by people of African descent (black people) and it is rooted first and foremost in Africa”.

entrelaça com a de Marcelo, um rapaz descrito por Laila como alto, atraente e elegante, em um encontro dentro de um elevador em momento de pane elétrica. Às dualidades da vida de Laila são acrescidas a vida de Marcelo; pois ela era de família não abastada que residia em um bairro afastado do centro da cidade, enquanto ele era filho do embaixador de Cabo Verde, Marcelo Mendes, e da europeia Madame Louise.

Duas partes também organizam a obra como um todo, sendo vinte capítulos na primeira parte e vinte e um na segunda. A vida espiritual se apresenta para Laila desde os primeiros capítulos da primeira parte, de forma que ela é levada a apresentar-se na casa-sede de Mestre Capri com sua amiga Jamila, após sessão com o curandeiro Pai Antônio. Jamila é uma mulher trans que volta para Moçambique para reencontrar sua família e encontra-se no salão de beleza que Laila trabalhava.

Tendo em vista esse quadro, é válido apontar que uma narrativa especulativa ficcional versa temáticas insurgentes e concede lugares de falas a minorias silenciadas pelas sociedades majoritariamente dominantes. Essa narrativa desconstrói a concepção de dicotomia, pois ela aproxima dualidades que, de certa forma, se complementam e questionam-se mutuamente, como real e irreal, físico e espiritual etc.

O próprio título da obra de Ferrão (2022) remete a essa dualidade contemporânea de temáticas insurgentes ao inscrever-se no mundo espiritual dos feitiços das religiões praticadas em Moçambique, Brasil e Quênia, a partir da condução de mestres e aprendizes em suas sedes (Cf. Ferrão, 2022, p. 81). Na própria narrativa, os “feiticeiros” são marginalizados pelas culturas urbanas com marcas europeias na imagem da mãe de Marcelo, a qual reside em Paris:

Madame Louise [...] tenta puxar pela memória os detalhes sobre a tradição caboverdiana, que terá rejeitado há mais de trinta anos. [...] – Sim, sim, entendo o teu pensamento. Mas o meu filho está vivo e forte, não está? [...] Capaz, se eu ia aceitar essas coisas sem sentido... eu sou francesa. Sou cristã, católica. Entendes? (Ferrão, 2022, p. 171).

A realidade sagrada permeia a vida de Laila desde seus ancestrais, gerando uma duplicidade nas relações familiares entre aqueles que acreditam e aqueles que

praticam. E essa duplicidade acarreta uma complicada relação de Laila consigo mesma, pois ela queria cursar medicina, mas sentia o chamado de seguir a vida espiritual dos feitiços que recebeu junto com Jamila de Mestre Capri.

Nesse sentido, as práticas religiosas aprendidas com Mestre Capri são aplicadas por Jamila e Laila em diversos acontecimentos, como ajudar Tiziane a “vingar-se” do designer de moda ou a salvar diversas pessoas do Roedor. A persona do Roedor<sup>4</sup> apresenta-se como modelo animista da realidade, bem como os myshinis<sup>5</sup>. Os modelos animistas, ou realismo animista, são apresentados como forma de abordar o passado, presente e futuro das religiões tradicionais africanas. Em outras palavras:

Escritores pós-coloniais africanos usam o animismo nas suas escritas para explicar a realidade africana por meio da religião tradicional. Essa perspectiva é única na literatura africana e é usada para revelar a realidade da vida africana (Ma, 2024, p. 39).

Ao inscrever práticas espirituais africanas como parte constitutiva da realidade narrativa, *Os nossos feitiços* aproxima-se de uma tradição presente em diversas literaturas africanas contemporâneas, nas quais o animismo e a religiosidade ancestral não operam como metáfora, mas como princípio organizador do mundo ficcional. Essa perspectiva afasta-se das representações exotizantes historicamente associadas à África, permitindo que o sagrado seja narrado a partir de seus próprios sistemas de significação.

Essa estratégia narrativa insere o romance de Virgília Ferrão no âmbito da literatura moçambicana contemporânea, caracterizada pelo diálogo entre diferentes matrizes culturais e formas de percepção da realidade. Como observa Fonseca, ao analisar romances moçambicanos, “é possível perceber, na construção narrativa produzida por escritores moçambicanos, o entrelaçamento de diferentes matrizes culturais como possibilidade de encenação de dados da realidade” (Fonseca, 2007, p. 4).

Sendo assim, a conexão entre o sagrado e o real apresenta-se na obra semelhantemente como a relação entre o possível e o impossível. A forma de retratar

---

<sup>4</sup> Um ser espiritual concreto que aparece em forma sombria nos sonhos/visões de Laila.

<sup>5</sup> “Um myshini não é outra coisa senão a nossa outra identidade” (Ferrão, 2022, p. 75).

as realidades moçambicanas a partir do fantástico insere o livro em modelos narrativos que possibilitam aos africanos contarem suas próprias histórias, em contrapartida às narrações dos europeus invasores.

O sagrado na obra de Ferrão mostra os dualismos dentro da história nas imagens da negação inicial de Laila em considerar as visões do Roedor e utilizar-se dos feitiços aprendidos para ajudar aquelas pessoas que ele estava a roer. Suas perspectivas alteram-se a partir do momento em que seu pai aparece sendo roído e, no dia seguinte, falece devido a uma explosão. A batalha espiritual passa a ser também física, pois essas visões e acontecimentos afetam diretamente a forma como Laila conduzia sua vida e suas relações com Marcelo.

Sempre conduzida por sua agogo<sup>6</sup>, a narradora continua seu crescimento espiritual no sagrado na relação com aquele que viria a ser o amor de sua vida, Marcelo, pois este aparece em uma das visões com o Roedor. Laila age em socorro do amado e descobre verdades dos antepassados de Marcelo em relação às práticas da mãe dele, Madame Louise:

Acredita-se que, na noite antes do sétimo dia de vida de uma criança, as bruxas aparecem para sugar-lhe a cabeça enquanto dorme. Desta forma, à meia-noite do sétimo dia do bebé, familiares e amigos juntam-se à volta do pequeno, para rezarem uma oração. Cantam a morna do poeta caboverdiano, Eugênio Tavares (Ferrão, 2022, p. 171).

A tradição rememorada pela narrativa do livro não se resume somente àquelas moçambicanas, uma vez que ela aborda questões religiosas de Cabo Verde, de onde Marcelo tinha descendência. Ainda, a narrativa demonstra aqui o que Oziewicz (2017) aborda sobre as representações multiculturais, isto é, que as ficções especulativas melhor tratam de assuntos multiculturais do que aquelas narrações historicamente anglófonas brancas.

Formas de expressão étnica-culturais devem ser reconhecidas a partir de seus próprios termos, especialmente em como eles subvertem a

---

<sup>6</sup> Avó (Xichewa).

dicotomia Ocidental entre o real e o irreal, natural e sobrenatural, científico e não científico (Oziewicz, 2017, p. 18, tradução nossa)<sup>7</sup>.

A dicotomia passa a ser uma dualidade que, no que lhe concerne, passa a considerar o real e o irreal como marcas de uma mesma realidade representadas na obra como o sagrado espiritual e o sagrado físico. Dentro da obra, essa dualidade demonstra-se a partir de passagens como o resgate de Marcelo contra o Roedor, pois este estava adoecido na realidade física. Realidade essa que se apresenta, mais uma vez, controversa ao revelar que o Roedor era tio benemérito de Laila. Além disso, ele era pai adotivo de Zach, que, por sua vez, era primo de Laila e praticante da feitiçaria.

E se no início Laila estava a buscar por si mesma em sua vida indecorosa (cf. Ferrão, 2022, p. 13), ela alcança, no final, uma primeira consciência de quem ela era, “esta moça sou eu: Laila Lubrino Sitole, a mulher que aprendeu a amá-lo sem medidas e, quem sabe, amá-lo-á para sempre” (Ferrão, 2022, p. 197). Dessa maneira, a personagem consegue vencer muitas dicotomias em sua vida e transformá-las em dualidades formadoras do seu ser mulher feiticeira, estudante de medicina e apaixonada por Marcelo.

Entre os principais méritos da obra, destaca-se a recusa em tratar as práticas religiosas africanas como elementos alegóricos ou exóticos, integrando-as organicamente à construção narrativa. Além disso, a centralidade de uma protagonista feminina e a presença de personagens que tensionam normas de gênero e sexualidade ampliam o alcance crítico do romance, articulando espiritualidade, identidade e pós-colonialidade de forma consistente.

Como possível limite, pode-se apontar que a abundância de eventos espirituais e simbólicos, em alguns momentos, reduz o aprofundamento psicológico de determinadas personagens secundárias, o que pode gerar certa linearidade em conflitos que poderiam ser mais tensionados. Esse aspecto pode causar estranhamento ou incômodo em leitores habituados a modelos narrativos ocidentais, nos quais a interioridade psicológica das personagens ocupa lugar central, embora tal escolha

---

<sup>7</sup> Trecho original: “forms of ethnic cultural expression must be recognized on their own terms, especially in how they subvert the Western dichotomy between the real and unreal, natural and supernatural, scientific and unscientific”.

estética se mostre coerente com a proposta epistemológica da obra e com as cosmologias que a enformam. Assim, longe de comprometer a coerência interna do romance, esse traço evidencia uma opção narrativa que tensiona expectativas de leitura e aponta caminhos possíveis de complexificação narrativa.

Ademais, embora a obra se destaque pela construção de um universo ficcional marcado pela integração entre espiritualidade, memória ancestral e experiência cotidiana, alguns leitores podem perceber certo estranhamento diante da centralidade do plano simbólico. Tal efeito, contudo, parece operar como escolha estética deliberada, justamente ao tensionar expectativas de leitura e propor formas de apreensão da realidade que escapam aos parâmetros eurocêntricos.

Nesse sentido, *Os nossos feitiços* contribui para os estudos literários ao propor uma narrativa especulativa ancorada em epistemologias africanas, deslocando o centro de produção simbólica do imaginário europeu para cosmologias historicamente marginalizadas. A obra amplia o debate sobre as literaturas africanas contemporâneas ao articular espiritualidade, gênero, identidade e pós-colonialidade sem submeter essas dimensões a modelos narrativos ocidentais hegemônicos.

Assim, o romance de Virgília Ferrão não apenas desconstrói dicotomias herdadas do pensamento colonial, como também propõe formas alternativas de narrar o mundo a partir de perspectivas africanas. Ao integrar o sagrado à ficção especulativa, a obra reafirma o potencial dessas narrativas para reconfigurar debates literários sobre identidade, tradição e modernidade, consolidando-se como uma contribuição relevante para o campo das literaturas africanas e pós-coloniais.

## REFERÊNCIAS

CUENCA, A. M. B.; ALVAREZ, M.C. A.; FERRAZ, M. L. E. F.; ABDALLA, E. R. F.. Capacitação no uso das bases Medline e Lilacs: avaliação de conteúdo, estrutura e metodologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 340-346, set./dez., 1999. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/838/870>. Acesso em: 18 jan. 2025.

FERRÃO, V. **Os nossos feitiços**. Salvador: Katuka Edições, 2022.

FONSECA, M. N. S. Realismos e (ir)realidades em romances moçambicanos. **Literafro**, Belo Horizonte, 2022, p. 1-13. Disponível em: [https://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/Artigo\\_Nazareth\\_Realismos\\_e\\_Irrealidades.pdf](https://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/Artigo_Nazareth_Realismos_e_Irrealidades.pdf). Acesso em: 7 fev. 2026.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-188.

MA, J. **Ficção especulativa nas Literaturas Africanas**: uma ligação entre passado, presente e futuro. 2024. 98 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Literaturas, Artes e Culturas Modernas, Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/64477>. Acesso em: 21 jul. 2025.

OKORAFOR, N. Africanfuturismo: uma definição. In: **Blog Nnedi**, 2019. (Tradução livre). Disponível em: <https://nnedi.blogspot.com/2019/10/africanfuturism-defined.html?q=Afrofuturism>. Acesso em: 21 jul. 2025.

OZIEWICZ, M. Speculative Fiction. Oxford Research Encyclopedia Of Literature, p. 1-23, 29 mar. 2017. **Oxford University Press**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.78>. Disponível em: <https://oxfordre.com/literature/display/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-78>. Acesso em: 19 jul. 2025. n. 1/3, 1973. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/799/626>. Acesso em: 20 fev. 2025.